CONDIÇÃO DE POBREZA E A VULNERABILIDADE DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

João Vítor da Silva (PIBIC/FA), Augusta Pelinski Raiher (Orientador), e-mail: apelinski@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa / Departamento de Economia

Economia; Economia do Bem-Estar Social.

Palavras-Chave: *Mercado de trabalho, condição de pobreza; mulher; Brasil.*

Resumo

O objetivo deste artigo consistiu em analisar a condição de pobreza e vulnerabilidade da mulher no mercado de trabalho do Brasil, buscando investigar o quanto ser responsável "feminina" pelo domicílio pode acarretar numa precarização do seu mercado de trabalho. Ademais, se comparou as variáveis do mercado de trabalho entre as mulheres chefes de domicílios inseridas na pobreza e os homens que se encontravam na mesma situação.

Introdução

A feminização é uma ação, um processo de se tornar mais feminina (COSTA, 2008). Neste sentido, a "feminização da pobreza" se apresenta como um fenômeno de tornar a pobreza com um rosto mais feminino. Quando a mulher se encontra como a responsável pela sua família, em geral, não detém um parceiro para a ajudá-la na administração da casa, bem com, tende a não ter o complemento de renda do seu companheiro. No caso do homem, quando ele se apresenta como o responsável pela família, na maioria das vezes, tem uma parceira que o ajuda na administração da casa, e muitas vezes, também complementa a renda domiciliar.

Neste contexto, esta pesquisa discute essa relação, ou seja, da mulher que está na condição de pobreza, sendo a chefe do domicílio, com a precarização do seu mercado de trabalho. O objetivo consiste em analisar a condição de pobreza e a vulnerabilidade da mulher no mercado de trabalho do Brasil, buscando investigar o quanto "ser responsável feminina" pelo domicílio pode acarretar numa precarização do seu mercado de trabalho.

Material e Métodos

Utilizou-se dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio) de 2019. Coletou-se informações sobre a renda per capita e o sexo do responsável pelo domicílio, mensurando os domicílios inseridos na condição de pobreza, e o percentual que eram chefiados por mulheres. Coletou-se dados acerca do mercado de trabalho, comparando essas variáveis entre as mulheres que estavam inseridas na condição de pobreza e as que não estavam. Por fim, ressalta-se que para a efetivação das análises, utilizou-se a estatística descritiva.

Resultados e Discussão

Nos últimos anos, ocorreu uma transformação na composição organizacional das famílias brasileiras, elevando o percentual de domicílios chefiados por mulheres de 26% em 2001 para 43% em 2019.

Embora o espaço das mulheres como responsáveis pelas famílias tenha sido ampliado, ainda existem desigualdades estruturais que intensificam a exclusão social feminina. Com efeito, 22% dos domicílios chefiados por mulheres estavam na condição de pobreza contra apenas 16% dos domicílios chefiados por homens.

Essa vulnerabilidade é verificada similarmente ao se analisar a inclusão nos postos de trabalho das mulheres em condição de pobreza, apresentando percentuais de inserção significativamente inferiores aos dos homens e das mulheres não pobres. Além disso, a sua inclusão no mercado de trabalho formal é bastante limitada (apenas 30% das mulheres pobres), contra uma inserção de 80% e 75%, respectivamente, dos homens e das mulheres não pobres.

Por fim, analisou-se a renda do trabalho, em que os homens pobres, na média, ganhavam 67% a mais que as mulheres pobres; as mulheres não pobres recebiam, em média, 394% a mais que as mulheres pobres, e; os homens não pobres ganhavam, na média, 667% a mais que as mulheres pobres. Portanto, evidencia-se a grande desigualdade que as mulheres em condição de pobreza sofrem no mercado de trabalho ao longo do Brasil, desigualdade esta que é ainda mais intensa para as mulheres pobres não brancas.

Conclusão ou Conclusões

Identificou-se a existência de uma sobre representação dos domicílios chefiados por mulheres na condição de pobreza e isso decorre das transformações culturais em curso no país. Ao relacionar essa condição de pobreza com a inserção no mercado de trabalho, observou-se grandes desigualdades em detrimento da mulher pobre, a qual apresentou a menor taxa de ocupação, menor inserção no mercado de trabalho formal e a renda mais ínfima quando comparado aos homens e mulheres não pobres. Tais características, intensificam ainda mais a sua vulnerabilidade social, ativando o círculo vicioso da pobreza feminina no Brasil.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, amigos, a minha orientadora professora Augusta por todo apoio e incentivo.

COSTA, Joana Simões; PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; QUEIROZ, Cristina. **A face feminina da pobreza**: sobre-representação e feminização da pobreza no Brasil. Brasília, DF: IPEA, 2005. (Texto para discussão n. 1137).